

## O TEXTO COMO ENUNCIADO NA PERSPECTIVA TRANSLINGUÍSTICA BAKHTINIANA: UMA ANÁLISE DA CAPA DA REVISTA *ISTOÉ*

João Batista Costa GONÇALVES<sup>76</sup>

Benedito Francisco ALVES<sup>77</sup>

**Resumo:** O presente trabalho tem como propósito revisitar o texto de Bakhtin (1959-61/2003) “O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas”, a fim de refletir sobre como foi elaborada, neste ensaio, a concepção translinguística de texto como enunciado para, a partir daí, proceder à análise de um exemplar. Em termos metodológicos, tomaremos inicialmente o ensaio de Bakhtin para destacar os principais elementos que, nesta visão, devem ser considerados para a concepção enunciativa de texto, quais sejam, autoria, bivocalidade e responsividade, e, em seguida, aplicar este conceito a uma capa da revista brasileira *ISTOÉ* sobre a presidente do Brasil Dilma Rousseff. Da análise, podemos afirmar que a capa da revista revela-nos a presença de um produtor de texto que, situado dentro de uma certa conjuntura política do Brasil, se inscreve subjetivamente nas malhas textuais ao se posicionar responsabilmente como autor de um enunciado que, na dimensão da verbo-visualidade, mantém relações dialógicas polêmicas com outras vozes sociais vindas historicamente de outros enunciados presentes, sobretudo, no cartaz do Tio Sam.

**Palavras-chave:** Enunciado. Texto. Translinguística. Capa de revista.

**Abstract:** *This paper aims to review the Bakhtin’s essay (1959-61/2003) “The problem of the text in Linguistics, Philology and human sciences” in order to reflect on how the translinguistic conception of text as an utterance was elaborated, in this essay, and, then, to analyze a copy. The methodology involves the reflection about the Bakhtin’s essay to highlight authorship, bivocality and responsiveness, in an enunciative conception of text to apply this concept to a Brazilian cover in “ISTOÉ” magazine about the Brazilian president Dilma Rousseff. The magazine cover reveals the presence of a text producer located within a certain political conditions, part subjectively in textual mesh when positioning responsibly as the author of an utterance that in the dimension of verbal-visual, remains controversial dialogical relations with others coming from other social voices historically present above all in the Uncle Sam poster.*

**Keywords:** *Utterance. Text. Translinguistics. Magazine cover.*

---

<sup>76</sup> Doutor em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (2006). Professor adjunto IX da Universidade Estadual do Ceará (UECE) vinculado ao Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada do Centro de Humanidades (CH) da referida instituição. *Currículo Lattes:* <http://lattes.cnpq.br/3777385545958082>. Email: [jbcgon@ig.com.br](mailto:jbcgon@ig.com.br).

<sup>77</sup> Doutorando vinculado ao Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada do Centro de Humanidades (CH) da Universidade Estadual do Ceará (UECE) desde 2013. Professor concursado e efetivo da Secretaria de Educação Básica do estado do Ceará (Seduc). *Currículo Lattes:* <http://lattes.cnpq.br/1016545157498488>. Email: [alfransbe@yahoo.com.br](mailto:alfransbe@yahoo.com.br).

“O acontecimento da vida do texto, isto é a sua verdadeira essência, sempre se desenvolve *na fronteira de duas consciências, de dois sujeitos.*” (BAKHTIN, 1959-61/ 2003, p. 311).

## Considerações iniciais

Este trabalho, ao realizar uma leitura do ensaio produzido por Mikhail Bakhtin (1959-61/2003) “O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas”<sup>78</sup>, propõe-se não fazer uma resenha do texto em destaque, mas buscar discutir a compreensão singular de texto na ótica da Translinguística bakhtiniana, segundo a qual o texto deve ser entendido como um enunciado, por sua natureza autoral, bivocal e responsiva pelas relações dialógicas que estabelece como outros enunciados. Em seguida, pretendemos aplicar estes fundamentos teóricos na análise de um exemplar de texto tirado da capa da revista ISTOÉ.

Todavia, antes de avançarmos na exposição desta ideia, é preciso dizer algumas palavras sobre as condições de produção deste ensaio de Bakhtin (1959-61/2003), “O problema do texto” (doravante nos referiremos a este escrito de Bakhtin somente como “O problema do texto”, para o que usaremos a sigla **PT**).

O ensaio sob análise provém dos arquivos de Bakhtin (1959-61) e, como tantos outros materiais do autor, é um texto inconcluso e não revisto pelo teórico russo. Na verdade, este texto, junto com outros, se encontra na última parte de uma coletânea<sup>79</sup> presente na obra “Estética da Criação Verbal”. São textos que, segundo Todorov (2000, p. 21), “datam do último período ‘sintético’ da vida de Bakhtin”, e muitos deles, como **PT**, foram escritos em forma de notas e fragmentos a respeito de temas dos quais se ocupou Bakhtin “no decurso de toda a sua vida; (textos que) ora se agrupam em unidades temáticas, ora se dispersam ao sabor das associações”<sup>80</sup>.

---

<sup>78</sup> Para examinar esta concepção de texto, neste trabalho, preferimos tomar como base a tradução realizada por Paulo Bezerra a partir do original russo, em detrimento de outra tradução desta obra, a primeira que circulou em português, feita por Maria Ermantina Galvão a partir da tradução francesa.

<sup>79</sup> Há em inglês a compilação, na obra “Speech genres and other late essays”, de textos constituídos somente destes escritos de Bakhtin da fase “tardia” traduzidos por Vern W. McGee e editados por Caryl Emerson e Michael Holquist, o qual fez também a introdução da obra.

<sup>80</sup> Paulo Bezerra, em nota sobre seu trabalho de tradução do texto de Bakhtin (2003), assevera, na página 450, que “‘O problema do texto’ é constituído de criações laboratoriais características particularmente do período tardio da obra de Bakhtin, que se destinavam a grandes pesquisas em projeto que não foram realizadas. [...] uma disciplina nova e específica das ciências humanas, constituída ‘nas esferas limítrofes’, nas fronteiras da linguística, da antropologia filosófica e nos estudos literários. Bezerra informa que “As notas de 1959-1961 foram publicadas pela primeira vez sob o título ‘O problema do texto’ em *Questões de literatura* (1976, nº 10, publicação de V.V. Kojínov). Para uma

Ao nos depararmos com **PT** é como se flagrássemos o seu autor no instante do próprio exercício de fazimento do texto, no “making of” da elaboração das suas ideias. Assim, ao ler este ensaio, percebemos que, em vários momentos, o pensador russo registra suas ideias como notas soltas, e muitas vezes repetidas, que podem acabar gerando mais questionamentos do que respostas entre os leitores sobre a compreensão a respeito do que é texto, do que resulta, em parte, a dificuldade na tarefa de ler **PT**.

Por outro lado, o que pode nos ajudar no entendimento das ideias de como é concebido o texto em Bakhtin em **PT** é perceber a presença de um diálogo constante das discussões feitas neste ensaio com as ideias desenvolvidas em outras obras do autor, em especial, em “Problemas da poética de Dostoievski” (doravante **PPD**)<sup>81</sup>, mais especificamente no capítulo 5, denominado de “O discurso em Dostoievski”, em que Bakhtin (1963/1997) postula, em paralelo com a Linguística<sup>82</sup>, uma nova ciência para os estudos da linguagem, a Metalinguística<sup>83</sup>, que tem como propósito ultrapassar os limites de um estudo da linguagem estritamente linguístico baseado nas relações lógicas para se preocupar com analisar o discurso bivocal nas suas relações dialógicas<sup>84</sup>.

---

história desta antologia de textos tanto na Rússia como nos Estados Unidos, deve-se consultar também a Introdução de Holquist de “Speech genres and other late essays” (1986).

<sup>81</sup> O vocábulo “problema” é recorrente nos títulos das obras e textos bakhtinianos. Além desta obra sobre Dostoievski, o termo aparece no ensaio que tomamos aqui neste artigo para discutir a noção de texto como enunciado (“O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas”), bem como em outros textos desta fase tardia de Bakhtin, como no clássico “O problema dos gêneros do discurso”. Este uso reiterado do termo muito provavelmente se explique pela ideia de Bakhtin querer reforçar o caráter de inacabamento e de inconclusibilidade das questões tratadas nos seus textos.

<sup>82</sup> Sobre a relação da linguística com a metalinguística, Bakhtin (1997, p. 1181) afirma que ambas “estudam o mesmo fenômeno concreto, muito complexo e multifacético - o discurso, mas estudam sob diferentes aspectos e diferentes ângulos de visão. Devem-se completam mutuamente, mas não fundir-se”.

<sup>83</sup> Apesar de o tradutor Paulo Bezerra optar pelo vocábulo “metalinguística”, fazemos a opção pelo termo “Translinguística”, para evitar possíveis confusões com o termo jakobsiano da chamada função metalinguística da linguagem, tão divulgado entre nós. Sousa (2002), ao fazer um levantamento das variações dos termos Metalinguística e Translinguística nas várias traduções por que passou a obra bakhtiniana, mostra, por exemplo, que, em inglês e em português, empregou-se Metalinguística; e em francês e espanhol, preferiu-se Tranlinguística. Utilizando-se de um ou o outro termo, o fato é que ambos permitem que se entenda com Bakhtin (1997; 2006) uma ciência da linguagem que aposta na ideia de que há uma teoria que vai além (meta-, trans-) da análise estritamente linguística, pela qual se pode compreender, por exemplo, um texto como enunciado concreto, e não apenas como um conjunto organizado de estruturas linguísticas.

<sup>84</sup> Segundo nos assegura Souza (2002, p.38), é em **PT** que Bakhtin vai se referir, pela primeira vez, à metalinguística, “criando um lugar nas ciências humanas – ainda que de modo experimental para o tipo de estudos da linguagem desenvolvidos por ele e por seu Círculo desde o final dos anos 20”.

Assim como assumira em **PPD**, ao longo de todo o ensaio, por inúmeras vezes, flagramos Bakhtin (1959-61/2003, p. 320) em **PT** destacando a pertinência de se distinguir, de um lado, o estudo das relações linguísticas (ou lógicas), de que se ocupa a Linguística na análise das unidades da língua (fonema, morfema, lexema, orações, etc.), e de outro lado, o estudo das relações dialógicas, de que a metalinguística trata, ao estudar as unidades da comunicação discursiva (enunciado, texto, etc.). A título de exemplo, tomemos em **PT** uma destas passagens:

As relações dialógicas entre os enunciados, que atravessam por dentro também enunciados isolados, pertencem à metalinguística. Diferem radicalmente de todas as eventuais relações linguísticas dos elementos tanto no sistema da língua quanto em um enunciado isolado.

Da relação existente entre estes dois textos de Bakhtin, o capítulo 5 de **PPD** e o ensaio **PT**, presente em “Estética da Criação Verbal”, podemos então afirmar que analisar um texto como enunciado só é possível a partir de uma concepção translinguística de linguagem, ou seja, a partir de uma visão analítica que reconheça a teia de relações entre os aspectos translinguísticos (dialógicos) de um texto produzido por sujeitos social e historicamente situados em determinadas esferas discursivas.

Frente a isso, o foco deste artigo é produzir, pois, uma resposta ao exercício de “reflexão filosófica” de Bakhtin (1959-61/2003)<sup>85</sup>, como se refere o próprio autor no início de **PT** quanto ao propósito deste ensaio, para, em seguida, aplicar estes fundamentos teóricos à análise de um texto verbo-visual específico materializado numa capa da revista ISTOÉ.

Para efeito de organização, o artigo está dividido em duas grandes partes: na primeira, apresentam-se as discussões teóricas, em que, por sua vez, seccionamos em três tópicos, a saber: “O texto como enunciado sob as lentes da Translinguística”, “A concepção de enunciado em “Problema do Texto (**PT**)” e “As peculiaridades do texto enquanto enunciado segundo Bakhtin (1959-61/2003)”. Em seguida, na segunda parte, apresentamos a análise do texto presente na

---

<sup>85</sup> Na discussão realizada em **PT**, Bakhtin esforça-se para apresentar o texto como um *locus* no qual as ciências se entrecruzam para constituírem suas visões de mundo. Bakhtin mostra ainda (1959-61/2003, p.312) como as ciências humanas são as ciências do homem e este deve ser visto como um criador e produtor de texto, de forma que “onde o homem é estudado fora do texto e independente deste não se trata de ciências humanas (anatomia e fisiologia do homem, etc.). Esta discussão será retomada mais pontualmente por Bakhtin (1959-61/2003) em “Metodologia das ciências humanas”, ensaio também presente em “Estética da criação verbal”, incluído, como **PT**, entre os textos tardios do pensador russo. Para uma discussão mais acurada de “Metodologia das ciências humanas”, ver Souza e Albuquerque (2012).

capa da revista, a que denominamos “Análise de um texto como enunciado: a capa da revista ISTOÉ”, o que está seguido das considerações finais e das referências.

### **O texto como enunciado sob as lentes da Translinguística**

A noção de texto como enunciado<sup>86</sup> na visão bakhtiniana, como já destacamos, precisa estar ancorada nos pressupostos da Translinguística, isto é, precisa considerar o aspecto verbal como relacionado ao aspecto extraverbal, em que o aspecto lógico/linguístico está em constante tensão com o aspecto dialógico/translinguístico da linguagem e dos sujeitos que a utilizam na produção de sentidos.

A noção bakhtiniana de texto reconhece, assim, a especificidade da porção linguística de um material textual como parelha à especificidade de sua dimensão Translinguística, esta responsável pelo processo de (res)significação de toda e qualquer forma textual-enunciativa a partir de um jogo dialógico de pontos de vista.

Nesta relação entre o linguístico e o translinguístico para o entendimento do conceito de texto, Bakhtin (1959-61/2003) mostra, de um lado, que, pela dimensão do linguístico, há necessidade se considerar a existência de um sistema linguístico que sustenta o texto, o qual lhe dá o caráter do repetível e do reproduzível; de outro lado, pela dimensão do translinguístico, deve-se levar em conta o texto como enunciado, dimensão que dá ao texto o seu aspecto de irrepetibilidade e de singularidade. Neste sentido é que Bakhtin (1959-61/2003, p. 309-10) afirma que:

Portanto, por trás de cada texto está o sistema da linguagem. A esse sistema correspondem no texto tudo o que é repetido e reproduzido e tudo que pode ser repetido e reproduzido, tudo o que pode ser dado fora de tal texto (o dado). Concomitantemente, porém, cada texto (como enunciado) é algo individual, único e singular, e nisso reside todo o seu sentido (a sua intenção em prol da qual ele foi criado). É aquilo que nele tem relação com a verdade, com a bondade, com a beleza, com a história.

Assim, o texto, na orientação bakhtiniana, é uma realidade semiótica constituída de elementos linguísticos e de elementos translinguísticos; é a conjugação entre o dado e o construído, entre o repetido e o singular; entre o reproduzido e o devir.

---

<sup>86</sup> Em português, há a palavra “enunciado” usada como um substantivo (por ex.: O enunciado na visão de Bakhtin) ou como uma forma participial/adjetival (por ex.: O discurso foi enunciado pela presidente), o que pode gerar às vezes uma certa ambiguidade no uso do termo, como no trecho de onde puxamos esta nota. Neste caso, estamos usando “enunciado” como substantivo.

Tomar o texto como enunciado em Bakhtin (1959-61/2003) é admitir que a análise textual deve levar em consideração os aspectos enunciativos/translinguísticos do texto, sem despregá-lo do “acontecimento da vida do texto” (p.311), porque é sob este aspecto que ele gera respostas, desenvolvendo-se “na fronteira de duas consciências, dois sujeitos” (p.311). Assim, não se pode tirar dele aquilo que tem “relação com a verdade, com a bondade, com a beleza, com a história” (p.310), o que pode incorrer numa análise desistoricizada e desideologizada do texto.

### **A concepção de enunciado<sup>87</sup> em “O Problema do Texto (PT)”**

O enunciado, na esteira bakhtiniana<sup>88</sup>, é o resultado da conjugação de aspectos verbais e extraverbais (sociais). Daí sua concretude, sua materialidade, sua irrepetibilidade. É uma realidade semiótica concreta, ideológica e dialógica materializada como texto.

Para Bakhtin (1959-61/2003, p. 307), o “texto é a realidade imediata (realidade do pensamento e das vivências) [...]. Onde não há texto não há objeto de pesquisa e pensamento.” Por conseguinte, a reflexão apreciativa e sua consequente compreensão intersubjetiva dependem da materialidade do texto enunciado em um determinado contexto, com um objetivo definido, um projeto estilístico e linguístico consistente e, finalmente um autor e interlocutor ativos e dispostos a enunciar uma dada resposta marcada pelas contingências de seu ser no mundo da vida.

A reflexão bakhtiniana compreende a atividade humana como atividade dialógica e ideológica consubstanciada como texto produzido por sujeitos historicamente situados e não como sistema abstrato de signos, nem como uma atividade monológica e solipsista ou como um ato mental e psicofisiológico.

Bakhtin (*idem, ibidem*) enfatiza que:

[...] o texto no sentido amplo como qualquer conjunto coerente de signos [...]. São pensamentos sobre pensamentos, vivências das vivências, palavras sobre palavras, textos sobre textos Nisto reside a diferença essencial entre as nossas disciplinas (humanas) e naturais (sobre a natureza), embora aqui não haja fronteiras absolutas, impenetráveis.

---

<sup>87</sup> Nos estudos da linguagem, sob diferentes perspectivas teóricas, há inúmeras concepções de enunciado. Para se ter uma ideia desta diversidade de posições sobre enunciado, inclusive a da perspectiva bakhtiniana, deve-se consultar o “Dicionário de Linguística da Enunciação”, organizado por Flores *et al.* (2009).

<sup>88</sup> Para examinar a concepção de enunciado nas reflexões do Círculo como um todo, pode-se consultar Souza (1999), bem como Brait e Melo (2005).

O enunciado é o resultado de uma atividade dialógica socialmente realizada pelo esforço entre, pelo menos, um eu e um outro em luta para responderem aos enunciados já ditos e prepararem o espaço e o momento para respostas potenciais futuras. Também é ideológica porque é um exercício social, histórico e culturalmente marcado axiologicamente no qual as condições da vida humana afetam e são afetadas pelos sistemas, organismos e sujeitos.

No arcabouço bakhtiniano, o sujeito enunciator de um texto é um ser lançado na vida (mesmo quando decide se omitir ou tenta escamotear-se). Seu texto é uma realização concreta e singular de um existir intencionalmente direcionado para si e para o outro, já que, conforme Bakhtin (1959-61/2003, p. 308), “[...] dois elementos [...] determinam o texto como enunciado: a sua ideia (intenção) e a realização dessa intenção”.

Para Bakhtin (1959-61/2003, p. 309), o texto ocorre “como enunciado incluído na comunicação discursiva (na cadeia textológica) de dado campo. O texto como mônada original, que reflete todos os textos (no limite) de um dado campo do sentido”. Neste sentido, ser sujeito/autor de um texto é posicionar-se através do enunciado a partir de um ponto de vista para interagir com o outro via texto, a palavra viva, como parte de um todo, de um elo de uma cadeia e, ao mesmo tempo, como ponto de partida para a constituição de outras respostas atualizadas em outros momentos de interação.

É importante dizer que tal concepção de texto não está limitada ao material verbal nem a qualquer outro tipo de realidade semiótica com a qual a vida e os sujeitos são ressignificados a cada palavra e a cada resposta enunciada em situações de um contexto genuíno.

Texto é a realização enunciada de um discurso em qualquer modo semiótico sob formato verbal, visual ou de outra natureza. Em sua materialidade híbrida e em sua responsividade contingente, o texto reatualiza o enunciado já dito pelo outro a quem o eu, por ter um “querer dizer”, inevitavelmente se dirige com intenções, estratégias e recursos específicos.

Na perspectiva bakhtiniana, portanto, um texto verbal e/ou visual possui um autor que incorpora e responde ao que o outro ou outros apresentam ao produzir um enunciado situado no espaço-tempo, do que trataremos, com maior detalhamento, a seguir em seção sobre as peculiaridades do texto.

### **As peculiaridades do texto enquanto enunciado segundo Bakhtin (1959-61/2003)**



Bakhtin (1959-61/2003, p. 308) nos recorda do “problema das fronteiras do texto. O texto como *enunciado*. O problema das funções do texto e dos gêneros do texto<sup>89</sup>”. Em uma linguagem despojada das severas convenções do fazer acadêmico, tão necessário quanto cerceador em determinados contextos<sup>90</sup>, as três frases curtas de Bakhtin sem indicação alguma de verbos, de ação, de temporalidade ou de campo específico, revelam elementos capazes de gerar, pelo menos, três distintas linhas de pesquisa sobre assuntos caros às reflexões bakhtinianas sobre o sujeito e seus enunciados materializados como gêneros discursivos<sup>91</sup> que acompanham e caracterizam as interações humanas.

O fundamento dialógico do texto, em que se pauta a análise Translinguística, cria certas particularidades de se encarar o texto como enunciado, em vista de o texto poder ser considerado como enunciado por sua dimensão autoral, bivocal e responsiva, aspectos que estão intimamente relacionados, como pretendemos mostrar a seguir.

### **Texto é enunciado porque revela autoria<sup>92</sup>**

O trabalho de Bakhtin (1959-61/2003) com este ensaio revela um autor preocupado em consolidar sua reflexão sobre a especificidade Translinguística do texto enquanto fenômeno avaliado por sujeitos situados em pontos contingentes do espaço e do tempo que deixam na materialidade do texto suas marcas de autoria através de seus posicionamentos ideológicos. Para Bakhtin (1959-61/2003, p. 308), “Todo texto tem um sujeito, um autor (o falante ou quem escreve)”.

Assim, por esta ótica, não há texto sem um sujeito que se coloca em posição axiológica diante de outro(s) para enunciar uma apreciação singular e preparar terreno para outras, do que

---

<sup>89</sup> Bakhtin (2003) considera, no conhecido ensaio sobre os gêneros do discurso, que, assim como **PT**, figura também em “Estética da Criação Verbal”, os gêneros discursivos como enunciados, ou mais precisamente, como “enunciados relativamente estáveis” (BAKHTIN, 2003, p. 262).

<sup>90</sup> Historicamente, as ciências classificadas como clássicas, exatas ou “duras” gozam de fama, recursos e privilégios amparados numa mítica aura de infalibilidade por lidarem com cálculos, objetos inanimados e/ou inorgânicos. Mas mesmo as ciências mais laureadas que as ciências humanas devem reconhecer que lidam com textos e discursos, com o fator humano que manipula/reflete sobre as variáveis e com a constatação de que o conhecimento é tão mutável quanto o desenvolvimento das interações humanas.

<sup>91</sup> A concepção bakhtiniana compreende gênero discursivo como resultante de sua relação com uma situação social de interação, e não mais especificamente com as suas propriedades formais, relação materializada em gêneros mais estáveis ou em gêneros menos estáveis do que outros. Ambos marcados por uma materialidade temática, uma materialidade verbal-expressiva e por um estilo específicos.

<sup>92</sup> Para a concepção de autor e de autoria no conjunto da obra do chamado Círculo de Bakhtin, ver Faraco (2005).



se conclui que não há texto sem uma estratégia ou intenção para responder e ser respondido. Não há texto desideologizado, neutro ou primeiro; ele (o texto) “se desenvolve na fronteira de duas consciências, de dois sujeitos. (BAKHTIN, 1959-61/2003, p. 311).

Independentemente de o texto ser verbal, visual ou misto, todo texto possui um sujeito que se posiciona axiologicamente, porque tem autoria. Assim, a autoria é um dos elementos fundamentais para a compreensão das características enunciativas de um texto.

Embora possa parecer óbvio considerar que um texto possui uma autoria e uma intenção de/ao dizer, há análises de textos privadas de uma reflexão enunciativa que considere estas dimensões do texto. Isto é, segundo Bakhtin (1959-61/2003), há análises de texto mais lógico-formais e mais linguísticas que enunciativas/translinguísticas.

Um autor é um sujeito cuja voz ecoa um determinado ponto de vista. Bakhtin (1959-61/2003, p. 309) é sucinto quando nos recorda a “questão do ponto de vista (da posição espaciotemporal) do observador na astronomia e na física”. Toda ciência incorpora a apreciação do pesquisador sobre o objeto pesquisado. Todo objeto pesquisado acaba existindo quando textualizado pelo ponto de vista autoral de um pesquisador/autor que assume a opção ativa por dialogar sobre o que aprecia.

Até mesmo as experiências do cotidiano passam a existir quando o sujeito enunciador se dispõe a apreciar a realidade circundante a partir de um ponto de vista já vivido por outros e passível de novo esforço apreciativo nas palavras organizadas em gêneros e enunciados assumidos e citados por outros.

O texto enquanto enunciado é um elo na cadeia da comunicação dialógica entre o eu e o outro, cada um situado na função de autor ou de interlocutor no processo dialógico das interações.

Por isso Bakhtin (1959-61/2003, p. 309) salienta que o “problema do segundo sujeito, que reproduz (para esse ou outro fim, inclusive para fins de pesquisa) o texto (do outro) e cria um texto emoldurador (que comenta, avalia, objetiva, etc.)” numa cadeia ininterrupta de vozes que dialogam entre si.

Para Bakhtin (1959-61/2003, p. 348):

Natureza dialógica da consciência, natureza dialógica da própria vida humana. A única forma adequada de expressão verbal da autêntica vida do homem é o diálogo inconcluso. A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar do diálogo: [...]. Nesse diálogo o homem participa inteiro e com toda a vida: [...]. Aplica-se totalmente na palavra e essa palavra entra no tecido dialógico da vida humana, no simpósio universal.

Autoria, na orientação bakhtiniana, existe quando, no texto/enunciado, o eu e outro podemos tomar a palavra que nos vincula dialogicamente para, aceita-la, negá-la ou para reformulá-la, enfim, para vivificá-la e vivenciá-la.

### **Texto é enunciado porque apresenta bivocalidade**

A respeito da radicalidade da ação do enunciador, para Bakhtin (1959-61/2003, p. 310), “cada texto (como enunciado) é algo individual, único e singular, e nisso reside todo o seu sentido (sua intenção em prol da qual ele foi criado)”.

Por maior que seja a influência das vozes de outros sujeitos a respeito de algum aspecto da vida, estabelecendo, assim, um patamar no qual um outro sujeito se ampara para complementar uma nova análise, tanto o sujeito que assume a posição de autor como o sujeito que assume o papel de interlocutor são responsáveis pelo maior ou menor nível de comprometimento na enunciação de suas palavras como texto repleto de sentidos e de efeitos para si e para os demais.

Bakhtin (1959-61/2003, p. 312) afirma que “uma palavra pode tornar-se bivocal se vier a ser uma abreviatura de enunciado (isto é, se ganhar autor). A unidade fraseológica não foi criada pela primeira, mas pela segunda voz”. Todo sujeito, nas reflexões de Bakhtin (1959-61/2003), é um interlocutor. Nesta direção, não há um ouvinte passivo.

Antes de ser emoldurada pelo ponto de vista axiológico, valorativo, apreciativo de seus pares, a materialidade do texto repousa em um plano de virtualidades. Quando ideologizada pela ação/intenção responsável e responsiva de uma subjetividade, Bakhtin (1959-61/2003, p. 315-16) afirma poder haver “bivocalidade na comunicação discursiva da conversa do dia-a-dia, dos diálogos e discussões sobre temas científicos e outros temas ideológicos”.

Em “Problemas da Poética de Dostoievski”, Bakhtin (1963/1997) mostra que o objeto principal da translinguística é a palavra bivocal. Em PT, o autor continua sustentando esta ideia, com a ênfase de que a bivocalidade se manifesta no texto por meio das diversas relações dialógicas que o enunciado promove “como um todo individual singular e historicamente único”. (BAKHTIN, 1959-61/2003, p. 334).

### **Texto é enunciado porque tem responsividade**

A noção de texto na teoria bakhtiniana relaciona-se ao ato, ao processo e à atualização da interação humana enquanto um elo responsivo numa cadeia *ad infinitum*.

Conforme Bakhtin (1959-61/2003, p. 317) em busca da “compreensão é ainda necessário, sobretudo, estabelecer limites essenciais e precisos do enunciado. A alternância dos sujeitos do discurso. A capacidade de definir a resposta. A responsividade de princípio de qualquer compreensão”.

A compreensão não repousa no nível das unidades linguísticas, próprias da ciência lógica. Não há sentido entre palavras arrancadas de seu contexto responsivo de autoria com o qual os fonemas, morfemas, os lexemas, deixam de existir como elementos abstratos e passam a ser recursos da comunicação discursiva.

As unidades translinguísticas ocorrem de maneira concomitante no interior e ao redor de cada enunciado, *locus* no qual é possível cada sujeito realizar um processo subjetivo de interação dialógica nunca plena em si mesmo, porque depende do outro.

Conforme Bakhtin (1959-61/2003, p. 342) “Eu não posso passar sem o outro, não posso me tornar eu mesmo sem o outro; eu devo encontrar a mim mesmo no outro, encontrar o outro em mim mesmo (no reflexo recíproco, na percepção recíproca)”.

Numa perspectiva enunciativa da translinguística, texto, na sua dimensão de enunciado, é material realizado uma única vez. Toda realização posterior já é uma nova realidade, um discurso citado, um esforço que já congrega já, pelo menos, a voz do autor de agora e a voz do autor precedente.

Para Bakhtin (1959-61/2003, p. 316):

Na *explicação* existe apenas uma consciência, um sujeito; na *compreensão*, duas consciências, dois sujeitos. Não pode haver relação dialógica com o objeto, por isso a explicação é desprovida de elementos dialógicos (além do retórico-formal). Em certa medida, a compreensão é sempre dialógica.

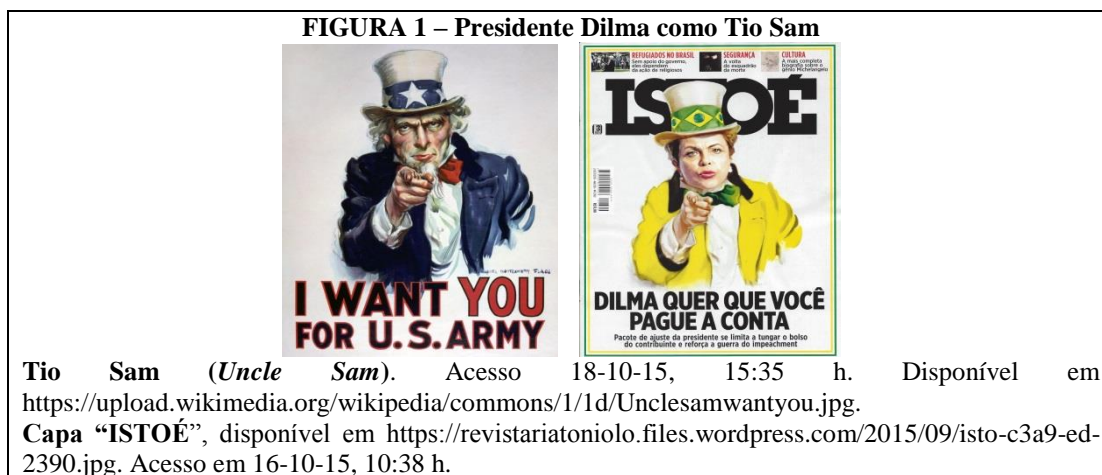
Tudo na vida é um texto potencial à espera de uma realização por um sujeito que ouse voltar seu olhar para o outro. Fora dessa disposição, resta o formalismo, o abstracionismo, o individualismo e a possibilidade acentuada de manipulação.

### **Análise de um texto como enunciado: a capa da revista ISTOÉ**

Depois de termos mostrado em que sentido Bakhtin (1959-61/2003) concebe o texto como enunciado, reservamos esta seção do presente artigo para analisar, com base nesta

concepção teórica bakhtiniana, uma capa da revista ISTOÉ<sup>93</sup>. De início, é preciso dizer que a capa da revista selecionada para análise é uma resposta intertextualizadora ao cartaz do Tio Sam utilizado para recrutar soldados estadunidenses.

A revista realiza a fusão entre as imagens da presidente do Brasil, Dilma Rousseff, e da do Tio Sam, a personificação dos Estados Unidos da América, baseada no presidente A. Lincoln<sup>94</sup>, como se pode ver abaixo.



Para investigarmos a natureza responsiva e bivocal do texto em análise, tomemos, em primeiro lugar, o cartaz com o qual a capa da ISTOÉ, em processo de ressignificação apreciativa, dialoga para compor o enunciado verbo-visual que a constitui.

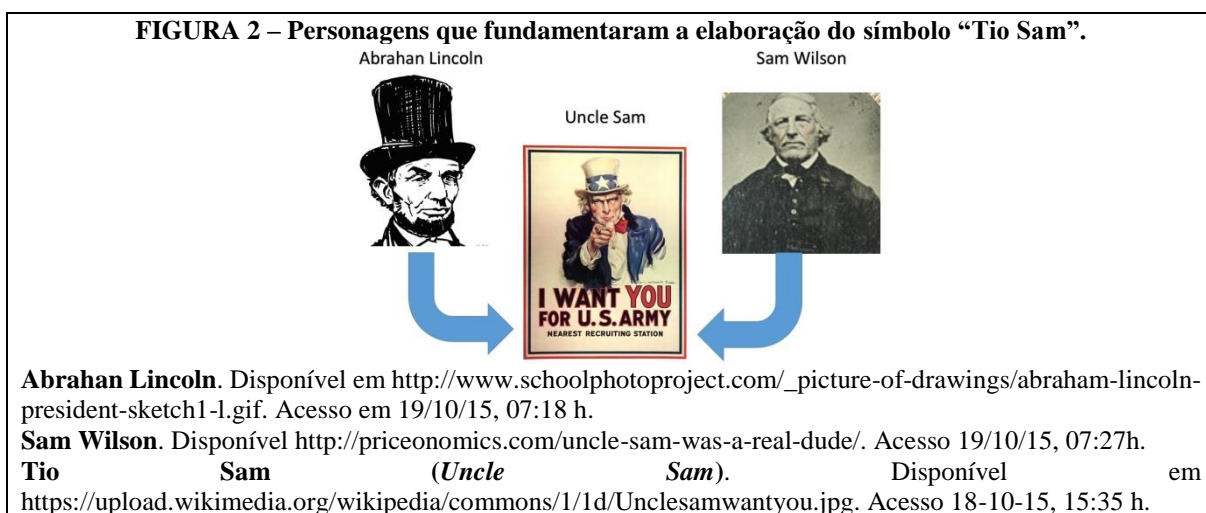
As marcas identitárias que caracterizam o significado mítico do personagem Tio Sam no cartaz e o período de conflitos são organizados e apropriados para a população estadunidense que reatualiza a imagem de A. Lincoln, 16º presidente estadunidense, e do comerciante Sam

---

<sup>93</sup> Em **PT**, o conceito de texto pode entendido em sentido amplo “como qualquer conjunto coerente de signos” (BAKHTIN, 1950-61/2003, p. 307). Sob esta visão semiótica do signo adotada, consideram-se textos não somente aqueles que estão sob o registro do oral e do escrito, mas também textos também textos que apresentam outras semioses, como a pintura, a música, a escultura, etc.

<sup>94</sup> De acordo com Wagner de Cerqueira e Francisco (s/a):[...] o termo Tio Sam foi criado em 1812 por soldados estadunidenses que estavam no norte de Nova Iorque. Eles se alimentavam de uma carne cujo recipiente eram barris com a seguinte inscrição: U.S (United States), em português, “Estados Unidos”. Esses soldados passaram a brincar com o significado das letras, chamando “carinhosamente” Samuel Wilson, dono da empresa fornecedora dos alimentos, de “Uncle Sam”, em português, “Tio Sam”. Em 1870, o cartunista Tomas Nast realizou o desenho do Tio Sam como uma homenagem a Abraham Lincoln (ex-presidente dos Estados Unidos e considerado um herói nacional) [...] Disponível em <http://www.brasilecola.com/geografia/tio-sam.htm>. Acesso em 19/10/2015, 07:03 h.

Wilson, fornecedor de carne para o exército no século XIX, como poderemos representar no esquema de imagens abaixo:



A ideologia de elaboração do cartaz com a imagem enérgica do Tio Sam se apropriou da imagem de Lorde Kitchener, militar britânico do período de transição entre os séculos XIX e século XX, mas evitou a exaltação de uma figura humana de carne e osso. Posteriormente, a mesma proposta reacentuada pela cultura anglo-saxã serviu de base para a confecção de um cartaz para motivar em terras brasileiras a população paulista a combater as forças antidemocráticas do ditador Getúlio Vargas.



O Cartaz britânico tem origem na época da 1ª guerra mundial (1914-1918), e seu acabamento enunciativo está baseado nos dizeres "Britons: Lord Kitchener Wants You. Join

Your Country's Army! God save the King." (Britânicos: Lorde Kitchener quer vocês. Juntem-se ao exército de seu país/ Deus salve o rei).

Um autor emprega a imagem de Lord Kichener e a terceira pessoa verbal para afirmar que um alto oficial britânico quer a população no exército.

Por sua vez, o cartaz brasileiro da época da Revolução Constitucionalista de 1932 em São Paulo recobre seu sentido autoritário ao expor a consciência como avalista da decisão daqueles que devem se alistar para combater a ditadura. Seu enunciado afirma: “Você tem um dever a cumprir. Consulte a sua consciência”. Neste cartaz, a figura de um soldado e não de um oficial ocupa o centro da imagem.

Se, por um lado, o símbolo Tio Sam é uma construção ideológica de um país imperialista que dialoga intertextualmente com fontes prévias, por outro lado, sua figura fomenta outros discursos, como é possível perceber no cartaz da revolução constitucionalista de 1932 em que um jovem soldado apela para a “consciência” e para o senso de “dever” de simpatizantes do M.M.D.C.

O texto “Eu quero você” do cartaz do Tio Sam é reapreciado no texto do cartaz da Revolução Constitucionalista de 1932 para clamar pela presença de **Martins**, **Miragaia**, **Camargo** e **Dráusio**, e, por conseguinte, por democracia.

Diante disso, pode-se dizer que cada forma de compreensão acrescenta um outro ponto de vista, uma forma de colocar-se como autor, renovando um sentido entre outros possíveis e reatualizando uma construção ideológica centenária. Neste sentido é que se pode dizer que o texto, sob o viés bakhtiniano, constitui sentido tão-somente na interação com outros textos precedentes e subsequentes. Daí a observação de Bakhtin (1959-61/2006, p. 356) sobre o fato de que a “palavra permanece no diálogo contínuo, no qual ela será ouvida, respondida e reapreciada” (p. 356).

Depois de mostrar como o cartaz do Tio Sam exemplifica a tese bakhtiniana de os enunciados serem elos dialógicos e ideológicos na cadeia histórica da comunicação discursiva *ad infinitum*, caracterizando, desta forma, o enunciado como uma resposta e, ao mesmo tempo, como um fundamento para gerar outras respostas, o que se dá pelas relações dialógicas com base no fenômeno da responsividade com a qual as vozes dos sujeitos são colocadas em contato, tomemos para agora mais especificamente para análise a capa da ISTOÉ.

A capa da revista ISTOÉ, edição 38, nº 2390, de 23 de setembro de 2015, traz a presidente Dilma Rousseff vestida com as cores verde-amarelas que simbolizam o Brasil, mas com um traje masculino e uma cartola enfeitada com desenhos da bandeira nacional.



A imagem é uma resposta atualizada que acaba por satirizar, por jogar com a imagem de mulher dura da presidente, cujos lábios parecem formar um movimento com aspectos de um pequeno beijinho direcionado ao leitor da revista. Apesar de a presidente possuir um olhar severo e apontar um dedo indicador para o leitor, à semelhança da imagem do Tio Sam, o conjunto formado pelos trajés e pelo movimento de seus lábios apresenta um ar quase cômico para a chefe do poder executivo brasileiro.

Esta imagem criada pela revista parece uma tentativa de ridicularizar a figura feminina da presidente, na tentativa de elaborar um sentido em dissonância com a imagem de segurança e de autoridade constante nos cartazes que apresentam oficiais (o cartaz britânico), personagens simbólicos (o Tio Sam) ou praças (o soldado da revolução de 32) seguros, rijos e uniformes no vestir, na forma em que se encontram em seus textos. Percebemos, neste lugar de tensão de vozes que emergem na capa da revista, a bivocalidade inscrita na dimensão da visualidade do texto.

Como se pode notar na capa da revista, as roupas, a cartola e a posição da imagem da presidente são características retomadas da imagem do Tio Sam, personagem-símbolo dos Estados Unidos da América e de um modelo de governo historicamente imperialista, beligerante e capitalista, mas que tenta reiterar um discurso de país democrático e protetor maior do mundo livre e moderno.

A elaboração da capa da revista ISTOÉ procura apresentar uma visão da conjuntura nacional em 2015 marcada, na imagem construída da Dilma, pela imposição, pelo dedo em riste e complementada por uma percepção da imagem de uma presidente autoritária, que convida com um movimento oscular, mas, ao mesmo tempo, com um olhar duro, segundo um narrador-observador, a se responsabilizar por tomar uma solução diante da crise que se instala na economia brasileira.

Este jogo responsivo, pela presença da palavra bivocal, se faz perceber nas semelhanças textuais entre a capa de ISTOÉ e o cartaz de guerra do Tio Sam, intencionalmente ressaltadas para conduzirem o interlocutor por um determinado caminho a respeito das decisões e da postura da presidente frente às dificuldades na economia nacional e nas relações institucionais entre aliados do governo e os três poderes frente às denúncias e ingerências que dificultam a vida brasileira.

Mas as diferenças entre a imagem do Tio Sam e a da presidente Dilma na capa da revista também podem ser demarcadas. Se por um lado, a imagem da presidente Dilma aparece em um texto verbo-visual pertencente a uma esfera discursiva voltada para os leitores de uma



determinada revista; por outro lado, a imagem do Tio Sam está materializada em uma esfera discursiva direcionada à população de uma nação.

Dilma é uma mulher biofisiologicamente viva. Tio Sam é um personagem criado pela cultura americana dentro do projeto militar-político-econômico dos Estados Unidos desenvolvido ao longo do século XX de expansão de suas áreas de interesse.

Outras diferenças entre o cartaz e a capa podem nos levar a perceber mais explicitamente as marcas de autoria do produtor do texto presente na revista ISTOÉ, ao se inscrever nesta materialidade textual como um sujeito que se posiciona frente à realidade política brasileira.

O texto da revista, redigido em letras maiúsculas e ressaltadas em negro sob a imagem da presidente, aparece como um discurso citado, marca da bivocalidade do enunciado, materializado em 3ª pessoa. Por este enunciado, a revista ISTOÉ se coloca como um agente que procura alertar ao leitor que **“DILMA QUER QUE VOCÊ PAGUE A CONTA”**. O texto imediatamente a seguir reforça o sentido autoritário da imagem da presidente quando informa o leitor que o “Pacote de ajuste da presidente se limita a tungar o bolso do contribuinte e reforça a guerra do impeachment”.

Em cotejo com a capa da revista, podemos ressaltar que o texto presente no cartaz do Tio Sam apresenta a política estadunidense como responsável pela autoria da mensagem, ao empregar o verbo em 1ª pessoa para se dirigir o mais diretamente possível ao público e conseguir sua adesão, sua resposta ativa. Quando a imagem do Tio Sam se posiciona sobre o texto **“I WANT YOU FOR U.S.ARMY”**, o destaque atrelado à enunciação inicial do “eu” (I) direcionado contundentemente para “você” (you) reforça um tom mais amigável, uma estratégia para enlaçar o interlocutor e garantir sua adesão para um projeto de violência, de guerra e de militarização a favor da nação.

Na mensagem do cartaz do Tio Sam, há, portanto, uma declarada intenção de conquistar o interlocutor, fundamento do esforço enunciativo do autor e reiterado no destaque carregado sobre a tonalidade diferenciada do sujeito YOU.

No texto da ISTOÉ, por outro lado, vê-se, pelo enunciado da capa, uma forma de a revista querer representar a ação de determinados setores da sociedade brasileira, o que o faz através de um ataque direto da presidente ao povo brasileiro.

Tomando, então, os enunciados **“DILMA QUER”** e **“Pacote de ajustes da presidente”**, vemos que o texto na capa da ISTOÉ procura apagar a figura das alianças políticas que garantiram a reeleição da chefe do executivo brasileiro e que interferem na governabilidade do

Brasil e responsabilizar a presidente por todo o desmantelo econômico na atual política brasileira.

Especialmente a opção da revista ISTOÉ pelo enunciado “tungar o bolso” destoa, em certa medida, da imagem selecionada. O texto e a imagem do Tio Sam foram utilizados em formato de cartaz para simbolizar a luta americana contra as forças que pilhavam o mundo durante a I e a II guerras mundiais. Já, pela dimensão da verbo-visualidade do texto da revista, a apropriação feita consegue fundir a imagem de Dilma a do Tio Sam para encimar um texto verbal que caracteriza a presidente como um sujeito que tunga o bolso do contribuinte.

Conforme a versão digital do dicionário Aulete, o verbo “tungar” pode ser compreendido como “1. Pop. Tomar posse de algo que não lhe pertence; FURTAR; ROUBAR [td: Foi ele que tungou o disco] [tdi. + de: Tungou da irmã o dinheiro da mesada]” ou como “3. Burlar (alguém); lograr [td. ]”. A opção pelo verbo “tungar” tem força suficiente para forçar a centralização responsiva em torno de uma imagem de sujeito que afana, rouba, prejudica o outro. No caso, a voz de quem não quer a presidente no exercício do governo.

A opção da revista em problematizar o governo político brasileiro a partir da afirmação de alguém sobre o que a presidente supostamente almeja parece operar uma tentativa de omissão de responsabilidade, numa tentativa de preservação de um projeto anti-Dilma reforçada pela revista, ao associar Dilma à imagem de Tio Sam, o predador imperialista que tenta prejudicar os países situados no “quintal da América” em busca de benefício próprio.

O texto verbo-visual materializado na capa da revista ISTOÉ pode servir como exemplo para a tese bakhtiniana de que:

É extraordinariamente aguda a sensação do *seu* eu e do *outro* na palavra, no estilo, nos matizes e meandros mais sutis do estilo, na entonação, no gesto verbalizado, no gesto corporal (mímico), na expressão dos olhos, do rosto, das mãos, de toda a aparência física, no modo de conduzir o próprio corpo (BAKHTIN, 1959-61/2003, p. 350).

Com o intuito de enriquecer a análise mostrando que a compreensão de texto na visão bakhtiniana pressupõe a ideia do funcionamento da interação discursiva a partir de uma cadeia ininterrupta de textos precedentes e subsequentes que se manifesta como uma tomada de posição em relação responsiva a um já-dito podemos ainda brevemente comparar as capas da Revista Veja e da Carta Capital em que a figura do Tio Sam, à semelhança do que ocorreu na capa da revista ISTOÉ, ocupa a centralidade.

A mesma imagem que serviu de fundamento intertextual para elaboração de uma compreensão caricata acerca da presidente Dilma em 2015 mantém uma relação intertextual

com outras imagens de capas de revista já publicadas acerca da influência das decisões estadunidenses sobre o Brasil, conforme podemos observar abaixo:



A capa da revista “Veja”, edição 2079, ano 41, nº 38, apresenta, em letras maiúsculas na cor branca, a figura do Tio Sam, portando algumas cédulas da moeda estadunidense ao lado do enunciado em discurso direto “EU SALVEI VOCÊ!”.

Em contrarresposta direta, a edição 515, ano XV, da revista “Carta Capital” polemiza uma apreciação complementar, um excedente responsivo, em que a figura do Tio Sam segura as mesmas cédulas, mas acometidas por um fogo marcado por uma chama mais intensa e por uma chama menor, tripartida, semelhante a um tridente manejado por uma alguma criatura infernal. Ao lado, encontra-se um discurso reportado com os dizeres “ELE NÃO SALVA NINGUÉM”.

A imagem caricatural de Dilma-Sam usada pela ISTOÉ, por outro lado, reatualiza as vozes de capas anteriores com uma indicação mais negativa constante e reforçada com o vocábulo “tungar” para contrabalançar o diálogo encetado pela revista “Veja” e bivocalizado na contrarresposta da “Carta Capital”.

A relação entre o material verbal e o visual com que operam os responsáveis pela revista ISTOÉ revela determinados objetivos políticos e, assim, uma forma de o autor da capa da revista se subjetivar criando uma autoria ideologicamente marcada no plano verbo-visual. Mas a compreensão dessa situação só é visível em nível de enunciado, já que para Bakhtin (1959-61/2003, p. 328):

Só o enunciado tem relação *imediate* com a realidade e com a pessoa viva falante (o sujeito). [...] Só o enunciado pode ser verdadeiro (ou não verdadeiro), correto (falso), belo, justo, etc.  
A compreensão da língua e a compreensão do enunciado (que envolve responsividade e, por conseguinte, juízo de valor).

A relação entre a imagem da presidente a imagem do Tio Sam, da forma como foi enunciada pela revista ISTOÉ, traz à superfície textual uma voz midiática, politicamente comprometida, que orienta verbo-visualmente o leitor para a ideia de que o Brasil se mostra muito insatisfeito com a política da atual presidente a ponto de se mobilizar para uma guerra contra este governo que pode culminar com um *impeachment*.

## Considerações finais

O propósito deste artigo foi o de fazer uma imersão na noção bakhtiniana de texto como enunciado seguindo a orientação da Translinguística de ir além da visão estritamente linguística e logicista que concebe o texto como algo desprovido de autoria, incapaz de suscitar respostas e de enxergar vozes em diálogo. Bakhtin (1959-61/2003) mostra-nos com este ensaio a pertinência de considerar, a partir das relações dialógicas, o texto na sua dimensão enunciativa, considerando-o nas suas peculiaridades, como a autoria, a responsividade e a bivocalidade, que emergem dentro de uma conjuntura histórica, social, cultural e política.

Esta discussão teórica feita no ensaio **PT** cria um ponto de vista de análise, revelando-nos quão operacional pode ser a concepção de texto como enunciado numa perspectiva translinguística para analisar diferentes tipos de texto que circulam socialmente em diferentes materiais semióticos. Optamos neste artigo por demonstrar a viabilidade desta teoria na análise da capa da revista ISTOÉ.

A análise, a partir da orientação bakhtiniana, da capa da revista “Isto É” publicada em 2015, num cenário de plena efervescência das dificuldades econômicas e políticas pelas quais o segundo governo Dilma vem passando, mostrou-nos a presença de um produtor de texto que se subjetiviza ao se posicionar responsivamente como autor de um enunciado que mantém relações dialógicas polêmicas, na dimensão da verbo-visualidade, com outras vozes vindas historicamente de outros enunciados, no caso mais concreto, vindos do cartaz do Tio Sam.

Por fim, para arrematar, podemos dizer que este tipo de análise feita do texto extraído da capa da revista ISTOÉ que o consideramos como enunciado só foi possível por um arcabouço teórico que permite investigar questões históricas, sociais e políticas do texto das quais apenas as unidades do sistema da língua, em separado das suas condições concretas de enunciação, não seriam capazes de dar conta.

## Referências

AULETE. Dicionário. **Tungar**. Disponível em: <http://www.aulete.com.br/tungar>. Acesso 19/10/15, 06:26h.

BAKHTIN, M. **Speech genres and other late essays**. Trans.: Vern W. McGee. Eds: Holquist, Michael e Emerson, Caryl. AustIn: University of Texas press. 1986. First Edition: 1986.

\_\_\_\_\_. **Problemas da poética de Dostoiévski** (Trad. de Paulo Bezerra) 3ª ed. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 1997.

\_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. Trad. Maria Ermantina: 4ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

\_\_\_\_\_. O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas. *In*: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p.307-335.

\_\_\_\_\_. Metodologia das ciências humanas. *In*: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p.393-410.

BRAIT, B.; MELO, R. de. Enunciado/enunciado concreto/enunicação. *In*: BRAIT, Beth (Org.). **BakhtIn: conceitos-chave**. SP: Contexto, 2005. p. 61-78.

FARACO, C. A. Autor e autoria. *In*: BRAIT, Beth (Org.). **BakhtIn: conceitos-chave**. SP: Contexto, 2005. p. 37-60.

FLORES, V. do N. *et al.* (Orgs.). **Dicionário de linguística da enunciação**. São Paulo: Contexto, 2009.

SOUZA, G. T. **Introdução à teoria do enunciado concreto do Círculo Bakhtin/ Volochinov / Medvedv**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1999.

\_\_\_\_\_. **A construção da metalinguística (fragmentos de uma ciência da linguagem na obra de Bakhtin e seu círculo)**. Tese de doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. 2002.

SOUZA, S. J. e e ALBUQUERQUE, E. D. P. e. A pesquisa em ciências humanas: uma leitura bakhtiniana. *In*: Bakhtiniana, São Paulo, 7 (2): Jul./Dez. 2012. p. 109-122.

TODOVOV, T. Prefácio. *In*: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. Maria Ermantina: 4ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p.1-21.